

Ano da Fé:

Redescobrimo a alegria de acreditar e comunicar a fé

Jude Muscat



A Alegria de Acreditar

O *Catecismo da Igreja Católica* (#163) nos instrui que “a Fé faz-nos degustar a alegria e a luz da visão beatífica, meta da nossa caminhada na terra. Veremos então a Deus “face a face”, tal como Ele é”. Portanto a fé já é o início da vida eterna.” Esta bela definição de fé já contém um grau de alegria, até mesmo uma declaração abstrata, antes de examinarmos a beleza da Fé à medida que a mesma floresce para dentro do modo de vida de um crente. Fé, portanto, não é uma informação estática que subsiste em nossa mente, mas uma atividade dinâmica da pessoa que está, com alegria, caminhando para a casa do Pai. Fé é também uma entrega total a Deus, já que, em obediência, submetemos livremente nosso ser completo a Deus “oferecendo a Deus ..o obsequio pleno da inteligência e da vontade” (*Dei Verbum* 5).

Estes dois aspectos da Fé — a atividade dinâmica e a rendição total — nos oferecem um paradoxo saudável. A tensão positiva que existe entre as duas nos ajuda a aprofundar o objeto de nossa fé. Isso evoca uma analogia em minha mente. Imaginemos a nós mesmos vencendo a grande turbulência de uma corredeira perigosa. Cada remador no barco deve remar por sua vida e pela vida dos outros,

como se tudo dependesse de sua energia, força e vontade de sobreviver. Ao mesmo tempo, cada remador deve apresentar toda a sua energia, força e vontade às orientações do líder da equipe, que conhece e que já esteve várias vezes antes nessas corredeiras, e é um mestre que conhece bem os pontos fortes

dos membros de sua equipe. Esta é a “jornada aqui abaixo.” E a paz de Deus, que excede toda a inteligência, haverá de guardar vossos corações e vossos pensamentos, em Cristo Jesus” (Filip. 4:7).

A alegria de crer tem sua origem no Deus Trino. Esta alegria é eterna e mais excelente em seu caráter. A fé é, na linguagem moderna, o hiperlink que nos leva diretamente a essa fonte de alegria, a atração que dá poder aos nossos pés que andam e que nos compelem à ação. Estar com o mestre remador no



barco é, em si, uma fonte de alegria. Em sua sabedoria, Deus nos chamou para sua equipe, nos capacitou e nos edificou em uma comunidade de crentes. Nosso Senhor e Mestre não se senta simplesmente às margens do rio gritando instruções. Ele rema conosco e nós remamos com ele. Ele nos une a todos em uma união de alegria.

A Alegria de Pertencer

O Salmo 122 capta e conserva a alegria extática dos peregrinos do Antigo Testamento caminhando em direção à casa do Senhor. Sem nos preocuparmos com debates acadêmicos, nós apenas aceitamos o fato de que, em algum ponto no tempo, Jerusalém tornou-se a meta de peregrinações para todas as doze tribos de Israel (Salmo 122:4). Isto prenuncia os cristãos viajando rumo à nova Jerusalém. O Salmo nos traz a alegria inicial, mesmo antes da viagem em si: “Que alegria quando me vieram dizer: Vamos subir à casa do Senhor” (versículo 1). Não sabemos nada sobre a viagem propriamente dita, porque, no versículo 2, os pés do Peregrino já estão às portas! O Salmo 42 nos dá uma indicação da multidão na procissão com gritos de “alegria e exultação” (v. 4). Santo Agostinho capta o espírito deste Salmo quando ele descreve esse anseio para a Casa do Senhor, como uma chama que se espalha entre os crentes e os excita a moverem-se juntos na alegria. A alegria expressa pelo peregrino no Salmo 122 situa-se no objeto de seu amor: Jerusalém. Jerusalém é o local de repouso de Deus (Salmo (Salmo 132:14) e o local onde a Comunidade se reúne para louvá-Lo (cf. 121:4).

Encontrarmo-nos, como comunidade orante em nome do Senhor Jesus Cristo, é e deve ser sempre uma expressão de alegria. Nossas comunidades,

NESTA EDIÇÃO

Ano da Fé:

Redescobrimo a alegria de acreditar e comunicar a fé

Jude Muscat

Liderança:

Líderes corajosos e fiéis

Marcos Volcan

Perguntas à Comissão Doutrinal do ICCRS:

E se um líder não estiver em ordem?



Em sua sabedoria, Deus nos chamou para sua equipe, nos capacitou e nos edificou em uma comunidade de crentes.



grupos de oração e conferências nunca devem ser eventos rotineiros que encham nossos calendários de atividade, mas sim um grito espontâneo de alegria acompanhado de nossas músicas de ação de graças e louvor. Nossas reuniões devem estar enraizadas na jornada em direção à vida eterna, que, como vimos acima, é uma antecipação da alegria no céu. No dia 26 de maio de 2012, o Papa Bento XVI disse a membros da Renovação no Espírito, na Itália, “Não sucumbam à tentação da mediocridade e do hábito!” O Espírito de Deus que dá o fruto da alegria em nossos corações está eternamente ativo em nós e na Comunidade de crentes. Entregar-se a ele na alegria dá vida à Comunidade de fiéis. A mediocridade, por outro lado, é uma comunidade assassina que gera apatia, indiferença, preguiça, queixas e falta de iniciativa, transformando-nos em um grupo improdutivo, sem graça e sem a criatividade.

Alegria: um fruto do Espírito

Redescobrir essa alegria interior significa que temos que redescobrir o fruto da experiência única do batismo no Espírito Santo. Com uma certa dose de nostalgia e um profundo desejo de reviver essa experiência poderosa, eu recorro e canto com paixão: “Eu tenho essa alegria, alegria, alegria, alegria, em meu coração, em meu coração...”

Catequese e estudo são elementos essenciais da nossa vida cristã. São realmente importantes para o nosso crescimento e maturidade eclesial. Deve haver sempre um equilíbrio perfeito entre a dimensão carismática e a dimensão institucional em nossas vidas e na vida da Igreja. Temos todos que nos lembrar que a singularidade dessa alegria não virá de livros, mas sim da experiência dinâmica e explosiva de livremente render-se ao poder do Espírito Santo dentro de nós. A alegria, como um fruto do Espírito, é contagiosa, porque não surge de eventos mundanos, mas do seio do Deus Trino. Portanto, é um tipo universal de alegria que é comum a todos. Esta alegria não emana de nossa cultura, mas, ao contrário, afeta e transforma nossa cultura em uma alegria que supera as fronteiras culturais. Jogar as expressões de êxtase de alegria para o lixo da cultura é uma narrativa de reducionista do poder transformador do batismo no Espírito Santo.

A alegria, como um fruto do Espírito, invariavelmente nos leva à *Gálatas* 5. Paulo usa a frase “obras da carne” para falar sobre vícios, enquanto ele apresenta as virtudes com “fruto do Espírito.” Paulo salienta diferenças importantes entre os dois. Por um lado, ele enfatiza a atividade pacífica e espontânea de uma vida conduzida pelo Espírito Santo, e por outro lado, ele diz que o esforço humano só pode levar à corrupção. A alegria que o mundo não pode tirar de nós (cf. Jo 16:22) pertence somente a Deus, mediada

para nós por Cristo e cumprida em nós pelo Espírito Santo.

Um tipo diferente de Alegria

Já vimos que a Alegria do Espírito flui do Deus Trino, não sendo, portanto, produto do esforço humano. É a alegria pura que supera o entendimento e, por vezes, sua lógica é de alguma forma desconcertante. As duas parábolas em *Lucas* 15:1-10 sempre me intrigaram. Pensar que um pastor deixaria as 99 ovelhas para buscar uma ovelha não é lógico, humanamente pensando, a menos, é claro, a ovelha produza lã de ouro. A história da mulher que perdeu uma moeda de prata, dentre dez moedas, é perfeitamente compreensível. Então ficamos surpresos ao saber que ela chama seus vizinhos para alegrarem-se com ela quando ela encontra a moeda. O texto não define a celebração, mas que sentido faz perder tempo buscando energicamente a moeda perdida e, em seguida, gastá-lo com seus vizinhos?

Após uma reflexão mais profunda, nos alegamos em saber que Deus não tem lógica humana — eu ainda seria uma ovelha perdida se Deus tivesse a minha lógica! Em segundo lugar, Jesus, no Evangelho de Lucas, alegra-se por um pecador arrependido. Deus é totalmente outro, Santo, fiel e misericordioso e trata-nos como um pai muito amoroso. O amor pelos perdidos é transformado em ação, a ação é transformada em vida para aqueles que aceitam a mão amorosa de Deus - e, então, a celebração começa no céu. Ah, se eu pudesse testemunhar os anjos e os Santos regozijando-se por um pecador arrependido!

A alegria traz pessoas para Deus

A alegria, como discutimos anteriormente, é um construtor de Comunidade e assim, de acordo com a lógica do parágrafo anterior, gira em torno de um círculo completo: da alegria para o amor, e então para a ação, e então para a vida, e novamente para a alegria no céu e na terra. A alegria, em si mesma, torna-se um meio poderoso de compartilhar a boa nova. A Comunidade de amor (cf. Jo 13:35) que vai ao encontro dos perdidos é uma expressão viva da alegria, *ad intra* e *ad extra*. A alegria toca e cura o coração do homem que está imerso na cultura da morte e da escuridão. A alegria retira das profundezas os oprimidos, os marginalizados e aqueles cuja vontade de viver foi perdida ou prejudicada devido à pobreza de todos os tipos.

Redescobrir esta alegria é um pilar na estrutura da nova evangelização. É como as boas novas de grande alegria que brilharam na escuridão em torno de pastores no dia de Natal. Quando os anjos anunciaram a boa nova, a glória de Deus brilhou e a escuridão tornou-se luz, a mediocridade tornou-se alegria, os espiritualmente mortos viveram novamente e todos caminhamos juntos com gritos de alegria na jornada para a vida eterna. 🏠

Líderes corajosos e fiéis

■ Marcos Volcan



Podemos observar o quanto cresceu a literatura e o número de cursos - não somente no mundo da administração e negócios, mas também no ambiente religioso -, que procuram entender os diferentes fatores envolvidos no exercício de liderar.

Na abordagem que se segue, buscamos da Sagrada Escritura alguns princípios fundamentais aplicados pela comunidade dos apóstolos e que podem trazer elementos que contribuam para formação de líderes perseverantes e corajosos.

No *livro dos Atos dos Apóstolos*, nos é apresentada uma comunidade cristã deveras envolvida no cumprimento da missão que lhe fora conferida - de anunciar o Evangelho - e que por isso enfrentava diversos desafios. Pela intensidade dos acontecimentos apresentados em todo o *livro dos Atos*, percebe-se que as atividades próprias da igreja nascente, exigiam de seus membros, e muito especialmente dos seus líderes, uma grande dedicação, que lhes demandava, não somente tempo e energia, mas uma habilidade para enfrentar e resolver os problemas. Os capítulos 3 e 4, por exemplo, nos descrevem o protagonismo de Pedro e João que, após a cura de um coxo, evangelizam uma multidão, no templo, sendo logo após presos, interrogados e ameaçados.

Em At 4,29-31, a oração que realizaram nos ajuda a entender o comportamento desta comunidade. Encontramos na simplicidade destes versículos o caráter do serviço que a comunidade queria prestar ao Senhor. Vejamos:

“Agora, pois, Senhor, olhai para suas ameaças...”

Os membros da comunidade estavam diante de um problema realmente sério, sua integridade física corria riscos. Basta lembrar que foram as autoridades religiosas da época que levaram Jesus à morte. Sabiam os discípulos, portanto, e já haviam sido alertados pelo próprio Jesus, de que poderiam passar por perseguições (Cf. Lc 21,12). O que fizeram? Entregaram as ameaças para Deus. Seus membros compreenderam que era um problema que não lhes cabia resolver. Não tratava-se de uma atitude negligente, tiveram o entendimento de que, naquele momento e circunstâncias, não tinham meios para enfrentá-lo. Com esta atitude, confiante em Deus, a comunidade enfrenta as preocupações e o medo, sentimentos que, quando se instalam, normalmente roubam o melhor da vitalidade de uma ou de um grupo de pessoas, chegando a paralisar suas ações. E mais, pedem desassombro.

“... e concedei aos vossos servos que com todo o desassombro, anunciem a vossa palavra.”

Certa vez escutei de alguém que quanto mais ele rezava, mais assombração lhe aparecia. Talvez outras pessoas vivam essa sensação com frequência. A comunidade protegeu-se disso pedindo desassombro. Como vimos, não focaram no problema mas na missão. Traziam consigo uma imagem clara do que desejavam alcançar, e, por isso, apresentaram diante de Deus o pedido para anunciar a Sua palavra.

Foi o Senhor quem também instruiu seus discípulos a isso. Em seus ouvidos ainda era forte a voz que dizia: “Ide por todo o mundo” (Mc 16,15); “ensinai a todas as nações” (Mt 28,19). Imagino que acordavam pensando nisso, dormiam sonhando com isto. Era um desejo que lhes consumia e que estavam dispostos a alimentar, manter acesso na vida da comunidade: “sem assombrações”! Para

isto seria mesmo necessário coragem, como veremos na sequência, estavam dispostos a seguirem adiante, usando dos mesmos recursos de evangelização que haviam sido a causa de encarceramento de Pedro e João.

“Estendei a vossa mão para que se realize, curas, milagres e prodígios, pelo nome de Jesus, vosso santo servo”.

A comunidade pede ao Senhor que lhe conceda, por meio de Jesus, que a sua pregação seja acompanhada por sinais prodigiosos. Não pediram, seus integrantes, segurança ou riqueza, mas queriam receber os meios para realizarem a missão conforme Jesus havia predito em Mc 16,15: “estes sinais acompanharão os que crerem”. Em Jo 14,12, Jesus chegou a dizer que fariam obras maiores do que as que ele fez. Trata-se de um pedido realmente audacioso e, o mais importante, centrado em Jesus. Foi também desta forma que Pedro agiu no templo, quando disse que não fora ele e João que haviam realizado o milagre da cura do coxo, mas sim Jesus (Cf. At 3,16).

Percebemos, com clareza, que trata-se de uma comunidade que está sendo guiada para o cumprimento de sua missão, buscando orientar suas ações a partir do que entendia ser a vontade de Deus. O discernimento para interpretar qual seria esta vontade de Deus, foi manter-se com uma memória viva a respeito do que Jesus lhe havia dito para fazer, ou seja, guardavam sua palavra. Isso ajudou a comunidade a enfrentar um grave problema que naturalmente acompanha a condição humana e que, muitas vezes, foi o grande problema que os profetas enfrentaram também no Antigo Testamento, isto é, o povo de Deus tinha uma memória curta, esquecia-se rapidamente de Deus e dos sinais de Sua presença no meio deles.

Entretanto, guardar uma lembrança aguçada do Senhor, é o tipo de conduta que gera vidas compromissadas, com corações agradecidos, e que, normalmente, desejam retribuir com serviço e doação. A comunidade se via conduzida promovendo esta espécie de ciclo virtuoso (Cf. At 4,32-35). Trata-se, portanto, de uma comunidade que reivindica, através do que Jesus havia dito, os direitos adquiridos no dever da missão. E, ao que parece era isso que Deus também queria conceder-lhes. No v. 31, a comunidade experimentou como um novo Pentecostes:

“Mal acabavam de rezar e tremeu o lugar onde estavam reunidos. E todos ficaram cheios do Espírito Santo e anunciavam com intrepidez a palavra de Deus”.

O que havia acontecido em Pentecostes se vê renovado pelo Espírito na vida da igreja nascente. A comunidade apostólica, entretanto, nos dá um exemplo de que, diante dos novos problemas, diante de dificuldades, não devemos contar somente com nossas forças, mas caminhar com o auxílio e poder do Espírito. Num futuro próximo, Paulo, apóstolo, alertará aos Gálatas para que tenham o cuidado de não terminarem na carne, aquilo que começaram pelo Espírito (Cf. Gal 3,3).

Nesse derramar do Espírito, a comunidade recebe intrepidez, ou seja, enfrenta a perseguição com uma força que desconhecia. Desenvolve novas habilidades missionárias, com uma visão ampliada. Transpõe obstáculos que pareciam grandes demais. Sob esta perspectiva, problemas se tornam oportunidades, as momentâneas tribulações assumem um peso de glória, são estas um verdadeiro treinamento para seus protagonistas, que por sua vez, em sua fidelidade, devem estar atentos aos novos chamados do Senhor, sem apegos e sensíveis às novas missões. 🏠



PERGUNTAS À COMISSÃO DOUTRINAL DO ICCRS

A Comissão Doutrinal do ICCRS, atualmente liderada pela doutora Mary Healy, consulta teólogos e especialistas de todo o mundo.

Se você tiver uma pergunta sobre a RCC, por favor envie para newsletter@iccrs.org

E se um líder não estiver em ordem?

Quem se torna discípulo de Cristo, Paulo ensina, deve “despojar-se do homem velho, corrompido pelas concupiscências enganadoras e renovar sem cessar o sentimento de sua alma, e revestir-se do homem novo, criado à imagem de Deus, em verdadeira justiça e santidade” (EF 4:22-24).

O batismo no Espírito Santo é uma grande graça, uma capacitação contínua para conversão e santidade. Todos os cristãos, mas especialmente os seus líderes, devem ser pessoas de santidade, de integridade e de bom caráter. Devem ser razoáveis, atenciosos e altruístas e devem evitar toda impureza, idolatria, ódio, ciúme, raiva, rivalidade e orgulho.

São Paulo ensina que um líder, “como administrador de Deus, deve ser irrepreensível, não arrogante ou irascível, ou beberrão, ou cobiçoso, mas hospitaleiro, amigo do bem, prudente, justo, piedoso e disciplinado. Deve ser apegado à doutrina da fé tal como foi ensinada, para poder exortar segundo a sã doutrina e rebater os que a contradizem”(Tito 1:7-9). Paulo condena uma vida desordenada como escravidão às tendências egoístas da carne (Gal 5:19-21; EF 4:17-19), que são contrárias aos bons frutos produzidos pelo Espírito (Gal 5:22-23).

Se um líder de um grupo de oração ou comunidade vive em desordem moral, isso entristece o Espírito Santo, bloqueia o crescimento espiritual dos membros e cria desunião.

Os pecados aos quais os líderes podem ser tentados incluem orgulho; hipocrisia; vanglória, luxúria em todas as suas formas; amor pelo dinheiro, por bens materiais e honrarias; e a recusa em submeter-se para legitimar a autoridade da Igreja.

Os líderes devem proteger-se especialmente contra o orgulho, que pode resultar em confiar responsabilidade excessiva aos novos convertidos, ou do exercício dos carismas que são considerados de prestígio, como profecia, palavra de conhecimento e cura. Lembre-se que o exercício dos carismas não prova santidade ou maturidade.

O orgulho pode conduzir à críticas dos outros, ao desafio de autoridades e à rejeição de ordens. A crítica e o julgamento podem, por sua vez, destruir a harmonia do grupo.

Da mesma forma, apego a bens materiais, inveja ou o desejo de ficar rico rapidamente são armadilhas que submetem uma pessoa às garras do ídolo “mamon”.

Quando um irmão em posição de liderança compromete sua pureza sexual (através de adultério, co-habitação, ou pornografia), ele/ela causa escândalo grave, podendo levá-lo a pecados ainda mais sérios como corromper jovens sob o pretexto de oferecer acompanhamento espiritual.

Às vezes um líder de grupo de oração não tem discernimento e expõe a Comunidade a influências espirituais contrárias ao ensinamento da Igreja Católica. Por exemplo, se ele frequenta igrejas não-católicas, ele pode ficar exposto a grupos infectados pelo

Espiritismo que experimentam falsas profecias, visões falsas, dons falsos de cura e libertação, e falsas línguas.

Satanás também tenta líderes através de pecados de omissão: falta de arrependimento, negligência da leitura da Palavra de Deus, frouxidão em oração, prática inadequada dos sacramentos, resistência ao Espírito Santo, propensão para ser guiado por mensagens místicas e visões em vez de andar pela fé e complacência espiritual.

Resposta a Comportamento Desordenado

Jesus prescreve como praticar a correção fraterna (Mt 18,15-18), que pode exigir medidas disciplinares para proteger a Comunidade. A correção fraterna deve começar com oração, intercedendo pelo indivíduo e pedindo a Deus sabedoria para abordar o tema. Para ser eficaz, a correção fraterna deve ser feita com humildade (ver Mt 7:3-5), e devemos perdoar antecipadamente a culpa a que nos referimos, caso contrário, o processo irá resultar em uma acusação infrutífera.

Aqui estão alguns exemplos concretos:

- Um irmão, que havia praticado idolatria e ocultismo, converteu-se e comprometeu-se com zelo a servir o Senhor. Pouco tempo depois, foi nomeado pastor de grupo de oração, onde ele prestava treinamento espiritual para os recém-chegados ao Grupo. Entretanto, ele não havia desistido de todas as suas práticas espiritualistas e as usava durante as orações de libertação. Este sincretismo foi desastroso. Após discernimento pelo grupo de núcleo diocesano, este irmão recebeu uma reprimenda do Capelão e recebeu ordem de parar com suas práticas obscuras. Eles oraram com ele perante Jesus Eucarístico. Ele prometeu obedecer, mas não o fez porque pensou que tinham inveja dos seus dons. Ele foi denunciado e suspenso das suas funções como pastor. A decisão foi comunicada à Paróquia.
- Outro irmão, responsável pela formação de um grupo de oração, teve relações inadequadas com mulheres. Apesar dos seus carismas, que o ajudaram a chegar à posição que ele exercia, a liderança retirou-o do cargo e o substituiu.
- Outros líderes foram demitidos por desvio de dinheiro do grupo ou de práticas fraudulentas.

Conclusão

A correção fraterna nem sempre garante os resultados desejados, mesmo quando feita em um contexto de amor e fraternidade. Quando líderes, cegados pelo orgulho, já não estão preocupados com o fato de causarem confusão ou escândalo, isto requer uma conversão sincera e até mesmo uma oração de libertação para abrir seu coração. Na verdade, somente o Espírito Santo nos convence do pecado, nos leva à maturidade espiritual e nos infunde temor de Deus e auto-disciplina para obedecer a Palavra de Deus. 🏩